

Histórias do Teatro no antigo Sul de Mato Grosso ou A Gênese do Teatro em Mato Grosso do Sul

Fabrizio Moser

O Estado de Mato Grosso do Sul, cuja capital é Campo Grande, foi criado no dia 11 de outubro de 1977 e instalado no dia 1º de janeiro de 1979, nesse processo foi desmembrada uma extensa porção meridional Sul do que era considerado território do Estado de Mato Grosso, cuja capital é Cuiabá, e dos 93 municípios mato-grossenses de então, 55 viraram sul-mato-grossenses. Grande parte das cidades de Mato Grosso do Sul foi criada antes do Estado, surgiu no antigo Sul de Mato Grosso, como ficou conhecida a região, após a Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, e a instalação da República, em 1889. Documentos confirmam que nesse contexto, entre o fim do século XIX e o início do século XX, os primeiros edifícios e grupos teatrais surgiram nas localidades da região, companhias profissionais nacionais e internacionais começaram a visitar seus palcos e essa arte passou a ser uma prática pedagógica nas escolas.

Em 2011, o Governo de Mato Grosso do Sul, por meio da Fundação de Cultura (FCMS), sob a gestão do escritor Américo Calheiros, lançou na capital, Campo Grande, a obra *Vozes do Teatro* (2010), que registra a história recente do teatro sul-mato-grossense por meio do relato biográfico de seus diretores. Segundo as organizadoras da publicação, as jornalistas Moema Vilela e Luiza Rosa,

(...) o tempo histórico contemplado por essa publicação está entre o início dos anos de 1970 e 2010. Cerca de 40 anos de direções teatrais que vivenciaram o período do nascimento de Mato Grosso do Sul, a ebulição produtiva das artes cênicas no Estado na década de 1980, as lutas pela organização da classe que estimularam e ainda fomentam a produção, circulação e fruição de teatro feito por artistas sul-mato-grossenses. (ROSA e VILELA, 2010, p.11)

Introduzem e complementam esse enfoque temporal depoimentos e ensaios sobre aspectos do teatro regional, entre eles, um com o propósito de registrar um período mais antigo desse processo histórico, anterior a criação do Estado, quando as cidades pertenciam ao Mato Grosso. *Um teatro que cria fronteiras de tempo*, de Luiza Rosa, introduz em *Vozes do Teatro* (2010), o

enfoque temporal principal da obra, ligado aos diretores dos 1970 a 2010, retratando a trajetória do teatro na região do século XIX ao fim dos anos 1970. Contando com artigo de Maria da Glória Sá Rosa, mas sem a atualização das suas informações, a jornalista traça um retrato parcial desse período da história do teatro sul-mato-grossense, centraliza o debate em Campo Grande, capital depois de 1979, e reduz o papel das outras cidades na construção do contexto regional.

De início, Luiza Rosa reconhece a criação dos cursos de Artes Cênicas no Estado, “em 2008”, na Universidade Federal da Grande Dourados e “em 2010, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul”, em Campo Grande, como “promessas de incentivo à maior geração de conhecimento sobre a área” e de “desenvolvimento do teatro local”. Nesse contexto, a jornalista afirma que o “primeiro grupo Amador de teatro” de Mato Grosso do Sul nasceu quando “era Mato Grosso”, da “relação do teatro sul-mato-grossense com a instituição universitária”, o “Teatro Universitário de Campo Grande” (TUC), criado “em 1961 nos corredores da Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras”. Antes do TUC, ela afirma: o “exercício da criação teatral não era organizado”,

(...) as peças que aqui se apresentavam (que se configuravam principalmente no gênero circo-teatro) eram criadas em outras regiões do país (Rio de Janeiro e São Paulo) e da América do Sul (Argentina e Paraguai) e buscavam público principalmente nos portos de Corumbá, Aquidauana, Miranda e Nioaque, durante o século XIX, e em Campo Grande depois de construída a ferrovia Noroeste do Brasil, no início do século XX, que ligou Bauru a Corumbá. (ROSA e VILELA, 2011, p. 14)

Nesse momento, Luiza Rosa (2010, p. 14) destaca a cidade de Aquidauana, que recebeu em 1944 “Procópio Ferreira e sua companhia que lotou o Cine Glória durante uma semana com a peça *Deus Ihe pague*”, “onde nasceu um ator e diretor teatral sul-mato-grossense que conseguiu reconhecimento nacional, Rubens Corrêa” e “artistas que muito contribuíram para o teatro da região”, Paulo Corrêa de Oliveira, Orlando Mongelli. Conforme a jornalista, na época “o teatro nascia na região como recurso educativo para que os alunos e alunas se aproximassem do conteúdo que estava sendo passado”.

Diferente da região norte de Mato Grosso que já tinha tradição de produzir arte desde o século XVIII, as primeiras produções teatrais feitas por pessoas que viviam no sul do antigo Estado de Mato

Grosso de que se tem registro, remontam ao início do século XX, incentivadas por irmãs e padres salesianos no exercício da docência em colégios católicos. (ROSA e VILELA, 2010, p. 14)

No contexto educacional, Luiza Rosa (2010, p. 14) cita o trabalho da irmã Angela Vitale, que entre “1930 e 1940 coordenou montagens de peças nos colégios Imaculada Conceição, em Corumbá, e Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande”, e do padre Raimundo Pombo, que “na década de 1960”, como “diretor do colégio Dom Bosco”, em Campo Grande, encenou “peças de sua autoria com alunos, cujos enredos tratavam principalmente do combate ao comunismo”. Na primeira metade do século XX, conclui a jornalista, “além dessas peças de ambiente escolar”, houveram “muito poucas e pontuais” iniciativas teatrais de grupos locais, citando a encenação de “*Morgandinha de Val Flor*” em 1923 “no Cinema Central, em Campo Grande”. Assim, retoma a registro do TUC:

O grupo foi criado por iniciativa de Maria da Glória Sá Rosa, Sílvio Torrecilha, Rafael Cubel Zuriga, Orlando Mongelli, Abílio Leite de Barros e outros, os quais Maria da Glória Sá Rosa, em artigo de sua autoria, insere no grupo dos “idealistas que acreditaram na força das representações cênicas como forma de reinvenção de realidade”. (ROSA e VILELA, 2010, p. 14)

Conforme Luiza Rosa (2010, p. 15), o TUC encenou “Arena Contra Zumbi (1967), de Gianfrancesco Guarnieri e Edu Lobo; “Liberdade, liberdade” (1968), de Millôr Fernandes e Flávio Rangel; “Morte e vida Severina” (1969), de João Cabral de Melo Neto” e “Diadorim meu sertão (1970)”, adaptação de *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, direção de Maria da Glória Sá Rosa. Segundo a jornalista, essas peças foram apresentadas em Campo Grande no Clube Surian e com o fim do grupo, “desfeito na opinião de Maria da Glória por falta de apoio técnico e financeiro”, seus integrantes, “além de montarem peças”, incentivaram “os alunos do curso de aplicação da Faculdade Dom Aquino a organizarem o Festival Estudantil Mato-grossense de Teatro” (FEMT) de “1969 a 1972”; depois ligado ao curso de aplicação do Colégio Dom Bosco.

O FEMT incentivou a criação do Grupo Teatral Amador Campo-grandense (GUTAC) e do Grupo Teatral Infantil Campo-grandense (GUTIC), fundados e dirigidos por Américo Calheiros, na época professor da REME, e Cristina Mato Grosso, e o Grupo de Teatro Amador de Corumbá (GRUTAC), dirigido por Roma Román. (ROSA e VILELA, 2010, p. 15)

De acordo com Luiza Rosa (2010, p.15), “novamente uma instituição de educação” surgiu “mediando” o teatro na cidade, “a Rede Municipal de Ensino” (REME), realizou entre 1974 e 1978 o “Festival de Teatro da REME, coordenado por professores”.

Dessa forma, Luiza Rosa (2011, p. 15) encerra o seu registro acerca da história do teatro regional quando Mato Grosso do Sul não havia sido instalado e suas cidades pertenciam ao Mato Grosso, e afirma que o “Teatro Glauce Rocha”, aberto em 1973 em Campo Grande, é “o primeiro teatro da região”. Conta a jornalista que antes da construção desse edifício “as peças eram apresentadas em espaços improvisados: clubes, circos, residências familiares, cinemas e na rua”. Finalizando, ela menciona a criação da Federação Sul-Mato-Grossense de Teatro (FESMAT) em 1979, ano de instalação do Estado, instituição que incentivou a “produção e circulação de peças produzidas por artistas da região”, e apresenta edifícios teatrais construídos desde então em Campo Grande e Dourados, “espaços físicos que se tornaram sedes de novas produções locais”.

Como é possível observar, em *Um teatro que cria fronteiras de tempo*, no período em que o Estado ainda não havia sido criado e suas cidades pertenciam ao Mato Grosso, Luiza Rosa coloca no centro da história do teatro em Mato Grosso do Sul o teatro de Campo Grande. Do século XIX aos anos de 1970, a jornalista cita rapidamente artistas, grupos e eventos teatrais de outras cidades, como Corumbá e Aquidauana, mas elege e atribui marcos para o processo regional com base em Campo Grande, que depois disso se tornou a capital. Contudo, documentos reunidos nessa investigação, inclusive artigos publicados pela pesquisadora Maria da Glória Sá Rosa, confirmam que essas e outras cidades sul-mato-grossenses, como Ladário, Miranda, Três Lagoas e Dourados, tiveram também importância para o contexto teatral da região nesse período e devem ser consideradas para a construção de seu processo e marcos históricos.

Sobre os dados anotados por Luiza Rosa, é preciso corrigir o que diz que o curso de Artes Cênicas da UFGD foi criado em 2008, isso ocorreu em 2009, e da mesma forma, sobre o Teatro Universitário Campo-grandense (TUC), e não Teatro Universitário de Campo Grande, que foi criado em 1967 e não em 1961. Em *Memória das Artes em Mato Grosso do Sul: histórias de vida*

(1992), Maria da Glória Sá Rosa conta que em 1961 foi instalada em Campo Grande a Faculdade Dom Aquino, depois Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), e que nessa mesma instituição, em 1967, o TUC foi criado. Segundo essa pesquisadora, que participou do grupo, ele foi o primeiro a atuar em Campo Grande de forma sistemática e contínua, porém ela não afirma que ele é o primeiro grupo de teatro amador da cidade, ou do Estado, tampouco que o Teatro Glauce Rocha é o primeiro da capital ou de Mato Grosso do Sul.

Esse e outros artigos dessa e de outros pesquisadores, jornais e antigos documentos, revelam a atuação organizada, e para além da ambiência escolar, de outros grupos teatrais amadores em cidades sul-mato-grossenses, inclusive em Campo Grande, a partir dos anos de 1870. Da mesma forma, essas fontes confirmam que desde então, quando essas localidades eram mato-grossenses, são construídos edifícios teatrais ou com estrutura pra representações na região. Na tese *Impressões em Preto e Branco: história da literatura em Mato Grosso na segunda metade do século XIX* (2008), Eni Neves da Silva Rodrigues cita nota do jornal *A Opinião*, de Corumbá, em 26 de setembro de 1878, na qual se enaltecem as apresentações de “*Nódoas de Sangue e o Diabo atrás da Porta*”, pela Sociedade Dramática União Lagarrifa, de Ladário, “povoado próximo” da cidade, e que no século XX se tornou um município de Mato Grosso do Sul.

A nota diz ainda (...) em Corumbá “cuja população é maior, não há outro gênero de distração, a não ser os espetáculos acrobáticos e ginásticos que nos dão as companhias viajoras”. (RODRIGUES, 2008, p. 43/4)

Ainda com base em periódicos, a pesquisadora conclui que “nos anos 90” do século XIX atuavam em Corumbá “duas companhias” teatrais e sugere que “outras agremiações referentes ao teatro podem ter existido”.

Os jornais *Oasis* e *Echo do Povo* noticiaram a fundação do clube União Dramática (*Echo do Povo* – Corumbá, 19/03/1894) e, em 1893, já havia a notícia de divulgação de uma peça beneficente de uma outra entidade, cujo nome era (Sociedade) Recreio Dramático (*Echo do Povo* – Corumbá, 19/03/1893). Em nota, o *Echo do Povo* elogiou a apresentação do espetáculo e o desempenho dos atores. (*Echo do Povo* – Corumbá, 31/03/1894). (RODRIGUES, 2008, p. 44)

De acordo com Eni Neves da Silva Rodrigues, “o espaço físico onde ocorriam algumas apresentações deveria ser o Teatro S. Antônio”, que anunciou no *O Iniciador* em 20 de setembro de 1883, “grande espetáculo”, com

a peça “*O Sogro Ciumento* – comédia em 1 ato e a cena cômica *O advogado dos caixeiros*”.

Os bilhetes eram vendidos a 2\$000 – a plateia, 1\$000 gerais e \$500 crianças, na Bela Selvagem, estabelecimento comercial que também vendia livros, de propriedade de M. Galvão, ou na porta do teatro, que se colocava a disposição para recebimento de cadeiras na tarde do mesmo dia da apresentação (*O Iniciador* – Corumbá, 20/09/1883). (RODRIGUES, 2008, p. 44)

Consulta a edições de *O Iniciador* revelou que em 25 de janeiro de 1879 a Sociedade Dramática União Lagarrifa, de Ladário, se mantinha em atividade, e que, em 1884, o Teatro Santo Antônio, de Corumbá, localizado na Rua Santa Thereza, depois Frei Mariano, recebeu comédias e outros tipos de espetáculo. Segundo o artigo *Notas sobre Corumbá*, do *Almanak Corumbaense* (1899), haviam dois teatros funcionando na cidade na última década do século XIX e em um deles, o Recreio Dramático, citado por Eni Neves da Silva Rodrigues, representava peças mensalmente para os associados. Não foram encontrados documentos que confirmem a existência e circulação de companhias em Aquidauana, Miranda e Porto Murtinho no século XIX, como cita Luiza Rosa, nem que permitissem averiguar a criação de grupos teatrais amadores ou a construção de edifícios desse tipo nessas mesmas localidades.

Entretanto, no início do século XX e durante a metade desse período, nessas e em outras cidades da região foram criados conjuntos amadores e levantados prédios teatrais. Um desses exemplos é o “Club Scenico Mirandense”, de Miranda, notícia no jornal *Autonomista*, de Corumbá, em maio de 1908, por conta das apresentações de “seu espetáculo de costume”, com as “comédias” *Antes do Baile*, *Os Estroinas*, *A Hospedaria* e *O Jantar* (*Autonomista*, 30/05/1908). Nesse tempo, Corumbá e Ladário continuaram recebendo companhias nacionais e internacionais, tendo como palco principal na primeira cidade o Bijou-Theatro, que funcionou até os anos de 1920 e foi registrado no *Álbum Graphico do Estado de Matto Grosso* (1914).

Construído com conforto e higiene, este estabelecimento oferece ao publico agradabilissima impressão e goso de frescura mesmo na época do calor mais penetrante da estação: área de 28 metros de largura por 17 de fundo está occupada pelas cadeiras destinadas aos espectadores, havendo como 500 assentos commodos; o seu solo esta forrado de mosaico, o que muito collabora para o asseio do estabelecimento. Em volta das cadeiras, guardando pequena distancia, encontram-se 34 camarotes, com 4 assentos cada um, sendo de notar de que qualquer um d’elles permite observar perfeitamente o palco. Em frente do proscenio estão installados mais

5 camarotes especiais com 5 assentos cada um. Por cima dos camarotes acham-se instaladas as galerias com assentos de madeira (AYALA e SIMON, 1914, p. 341).

Nesse álbum, há informação de que funcionava na época um teatro na cidade de Três Lagoas, então um povoado com mil habitantes, formado ao redor dos trilhos instalados pela Empresa de Ferrovias Noroeste do Brasil (NOB).

Registra Marinete Pinheiro, no artigo *Histórias dos Cinemas de Campo Grande/MS* (2011), o Cine Central, que funcionou nas décadas 1920 e 1930, tinha estrutura de teatro com camarotes e recebeu grupos amadores. Conforme Edson Contar, no jornal *Correio do Estado*, em 06 de outubro de 2011, nesse período passou a residir na cidade a atriz Conceição Ferreira, que

Reuniu outros jovens e iniciou a formação de atores e atrizes que viriam a ser a sensação da nossa ribalta, começando pela histórica estreia do Cine Trianon como palco teatral, encenando a peça “Cabocla bonita”, de Marques Porto e Ary Sayão, na qual se destacaram seus primeiros alunos, tendo Conceição no papel principal, com Samuel Barbato, Luiza Campos Vidal, Gasparina Pepino, Fausto Moraes, Otaviano de Souza, Djalma Leite e Francisco Leal Júnior em cena. Seguiram-se as peças “O gaiato de Lisboa”, “No mundo da lua” e muitas outras, todas com “retumbante sucesso”, de acordo com comentários dos jornais da época e destaque na “Revista da Serra”, publicada por Aguinaldo Trouy nos anos trinta. (...) (*Correio do Estado*, 06/10/2011)

Segundo Celso Muller do Amaral, em depoimento à Maria da Glória Sá Rosa para *Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul* (1990), existiu na cidade de Dourados nos anos de 1930, quando era uma vila, um grupo de teatro dirigido por uma professora, Antônia Capilé, que encenava comédias, dramas e tragédias. Segundo essa mesma pesquisadora, em *Memória da Arte em Mato Grosso do Sul: histórias de vida* (1992), também funcionou nesse tempo em Três Lagoas um grupo que encenava musicais, com direção de Nestor Guimarães e atuação de Conceição de Oliveira.

Dos anos de 1940 à criação do TUC no ano de 1967 em Campo Grande, outros grupos de teatro funcionaram de maneira sistemática nas cidades de Mato Grosso do Sul, como o grupo do jornalista Vicente Leão, em Três Lagoas; e desse período à inauguração do Teatro Glauce Rocha, em Campo Grande, em 1973, outros edifícios teatrais ou com estrutura para receber espetáculos foram construídos nesses municípios, como o Cine Teatro Santa Rita, de Dourados. Esses registros provam que, embora tenha sido o

primeiro grupo universitário, o TUC não é o primeiro grupo de teatro amador, e nem o Teatro Glauce Rocha o primeiro construído no Estado, como mencionado por Luiza Rosa. Da mesma forma, na contramão da opinião da jornalista, os dados mostram que não foi só no século XX que começaram a ser produzidas peças na região, nem foram elas nesse período iniciativas muito pontuais ou ficaram limitadas aos colégios ou escolas.

Referências Bibliográficas

AYALA, S. Cardoso; SIMON, Feliciano (Orgs.). **Álbum Gráfico do Estado de Mato Grosso**. Corumbá; Hamburgo: [s. n.], 1914.

Almanack Corumbaense. Corumbá: Typ. Italiana, 1898.

PINHEIRO, Marinete. **Histórias dos Cinemas de Campo Grande/MS**, em 2011. <www.cpcb.org.br/artigos/historia-dos-cinemas-de-campo-grandems> . Acessado em: 14 de agosto de 2011.

RODRIGUES, Eni Neves da Silva. **Impressões em Preto e Branco: história da literatura em Mato Grosso na segunda metade do século XIX**. 2008. Tese de Doutorado (Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

ROSA, Maria da Glória Sá. **Memória da Cultura e da Educação**. Campo Grande: Editora da UFMS, 1990.

ROSA, Maria da Glória Sá; NEGREIROS, Idara Duncan; MENEGAZZO, Maria Adélia. (Org.). **Memória da arte em Mato Grosso do Sul: histórias de vida**. Campo Grande: Editora da UFMS/CECITEC, 1992.

ROSA, Luiza; VILELA, Moema (org.). **Vozes do Teatro: registro da memória cultural do Mato Grosso do Sul**. FCMS: Campo Grande, 2010.

Jornal *O Iniciador*. Corumbá/Mato Grosso, 25/01/1879, 07/12/1884.

Jornal *Autonomista*: Corumbá/Mato Grosso: 30/05/1908.

Jornal *Correio do Estado*: Campo Grande/Mato Grosso do Sul: 06/10/2011.